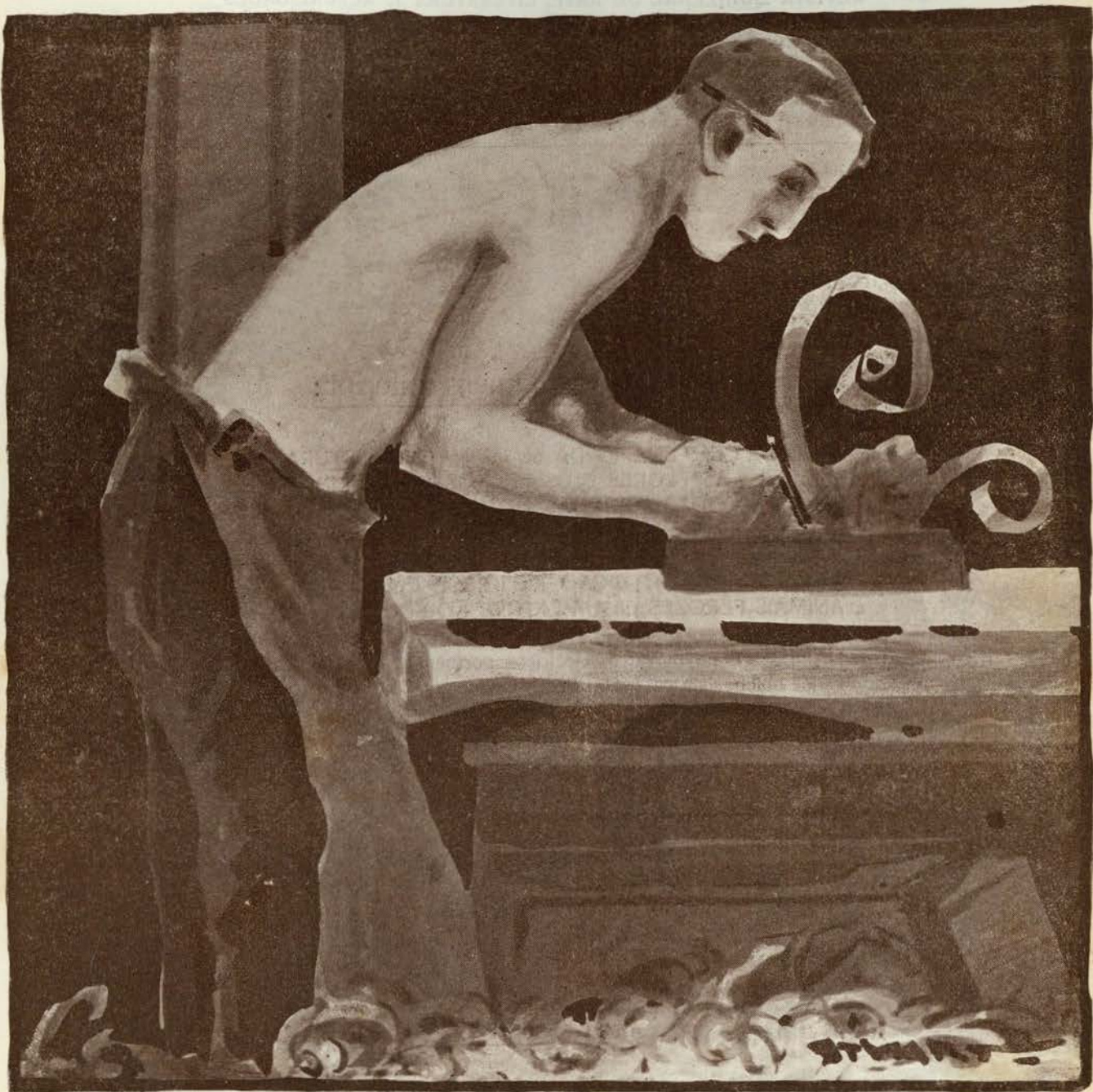


RENOVAÇÃO



NÚMERO 13

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»

Officinas de composição e impressão: *Imprensa Belesa - R. da Rosa, 99 a 107*

Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º - Lisboa* — Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

O 1.º CENTENARIO DA MAQUINA DE COSTURA (com gravuras) — AS FLORES E OS FRUTOS DE INVERNO (com gravuras) — VIDAS AGITADAS. HOMENS E FACTOS. ELISEU RECLUS (com retratos) — O DEPORTADO, por *Ferreira de Castro* (com gravura) — JEAN KUBELIK, por *Nogueira de Brito* (com retrato) — A PROSTITUIÇÃO RELIGIOSA (com gravura) — OS ANIMAIS FEROCES E SUA EXPRESSÃO SOCIAL, por *David de Carvalho* (com gravuras) — O MUNDO CURIOSO — ACTUALIDADES: Os novos carros eléctricos portuenses; O novo embaixador bolchevista em Paris; Pedro Esteve; G. de la Fouchardière; O Congresso Nacional dos Serviços de Saude; Corpo scenico da União dos Empregados de Comercio do Porto — Capa: desenho de *Rocha Vieira*.

Ano I—Numero 13

Lisboa, 1 de Janeiro de 1926

NUMERO 13

Renovação

O NATAL, FÓRA DA RELIGIÃO...

A FESTA DA FAMÍLIA

COMO COMEMORAÇÃO DOS AUSENTES

Já o Natal não tem o caracter de festa religiosa, já à ceia de Natal não preside a sombra de Cristo recém-nascido...

A sombra desvaneceu-se nas trevas da Lenda, e Cristo, homem tornado Deus pela ignorância dos seus contemporaneos e ainda como deus perpetuado por ignorância das gerações que lhe sucederam, vai pouco a pouco fundindo-se nos pégos do Olvido, vai pouco a pouco libertando os espiritos dos grilhões com que a sua religião, prometendo redimi-los, os oprimiu.

É o Natal, feito para comemorar o nascimento de Cristo, só persiste hoje para festejar a união das famílias.

O Natal é, essencialmente, a festa dos ausentes, a

festa dos que passaram o ano fora do lar e que regressam naquele dia ou que mesmo naquele dia não regressam, dando assim pretexto a que sejam evocadas com saudade, desfólhando-se em sua homenagem essas rosas brotadas nos proprios alegretes da ausencia e que são as rosas-chá da nostalgia.

No Natal não se celebra hoje o nascimento, já perdido nos oceanos mortos e fabulosos do Tempo, dum deus, mas sim esse sentimento tão humano e tão eterno, que é a dôr dos que partiram, ou que estão distantes, e também a dôr dos que ficaram, dos que esperam, dos que esperam sempre...

O Natal tem hoje um caracter meramente familiar — e mesmo aqueles que ainda acreditam no homem transformado em deus, não se reúnem para comemorar o seu nascimento, mas sim para estreitar laços de familia que a ausencia prometia romper e para avivar a chama de velhos affectos, de velhas amizades — umas amortecidas pela distancia, outras pela distancia tornadas mais intensas e veementes.

Nas cidades, o Natal, em vez de festa religiosa, alcança por vezes a ser uma festa pagã,



— pois festas pagãs são essas ceias que se realizam nos restaurantes, na noite de Natal, — ceias em que os convivas, na sua maioria, acabam ebrios, como nas noites da Alexandria.

A própria missa da meia noite, que parece querer perpetuar o caracter religioso do Natal, é pouco concorrida, porque a maioria das pessoas fica no lar entregue á comemoração dos ausentes e as poucas pessoas que vão ouvi-la, fazem-no pelo que nela, dada a hora em que é realisada, ha de espectacularo, de teatral.

Comemoração dos ausentes, desfiar de saudades para os que vivem e estão longe e para os que morreram e nunca mais voltarão, o Natal é hoje, também, a celebração dos ventres pródigos, dos ventres femininos que perpetuam a humanidade. E daí as arvores do Natal, daí os brinquedos e outras oferendas que se colocam na chaminé, dentro do tradicional sapatinho — daí todos esses elementos destinados a des-

lumbrarem as imaginações infantis e a difundir a alegria na alma das crianças, erguendo-se assim um cantico surdo, desde a anfora das almas, para aqueles que veem de perpetuar a espécie.

E aqui, junto do sapatinho ou da arvore, as mães pensarão ainda nos filhos que já morreram, que ausentaram para sempre e que não mais exultarão, á noite, junto á chaminé e de frente dos brinquedos recém-adquiridos.

Fora da religião, com um caracter essencialmente familiar, o Natal prossegue como festa da Ausencia para a qual nada concorre o fantasma de deus.

E é bom que assim seja, porque deus sendo uma abstracção tem exercido sobre a humanidade uma opressão muito mais fatal do que todos os despotas concretos...

Com a morte dessa abstracção deixará de existir o ultimo escravo.

VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

POUGET — YVETOT — GRIFFUELHES

Os revolucionários sociais de hoje em Portugal, salvo uma ou outra excepção, não conhecem sequer de nome os precursores do sindicalismo.

Actualmente muitos dos nossos oradores da barricada social ignoram o que deram da sua tenacidade e intelligência alguns dos homens que affrontaram decididamente o sistema capitalista e lhe deram guerra sem tréguas com o sacrificio da sua própria existência. Quem estudar o sindicalismo francês, berço, origem do sindicalismo universal, quem compulsar detidamente as suas melhores páginas, quem tomar conhecimento da sua acção revolucionária no campo das ideas e na arena da acção, encontra fatalmente três nomes primaciaes que a Confederação Geral do Trabalho, da França, hoje bi-partida pelas lamentáveis differençações que collocaram quasi num campo antagonico duas facções do proletariado, insereve orgulhosamente nos seus anais:

Emilio Pouget, Jorge Yvetot e Vitor Griffuelhes.

A reputação destes três homens, a sua consciencia de militantes subiu em todos á mesma altura e tão elevada se tornou que não seria fácil relegá-los, em matéria sindicalista, para um plano secundário. Com poucos mais, são eles, os fundamentos fortes, os alicerces sólidos da C. G. T. francesa que com o seu esforço cimentaram, que com a sua energia ergueram, que com a sua fé sustentaram através de tódas as contingências e combates inimigos.

A não ser Griffuelhes, esses homens provinham dum meio mais ou menos conservador, embuído de convenções, dominado por concepções de religião e estatismo. O pai de Pouget era notário; o de Yvetot, gendarme e o de Griffuelhes, sapateiro.

Emilio Pouget define-se, sintetiza-se no seu trabalho curto, mas monumental, basilar de principios: «O sindicato».

E' um breviário metódico, conciso, da organização do sindicato. E' a cellula que o tratadista atira ao desenvolvimento dos que soberem aproveitar a sua ideia. E' a base, a origem duma grande organização que ainda até hoje ninguém ousou destruir material nem ideológica-

mente. O meio republicano em que Pouget abriu os olhos, eivado beneficemente de principios ultra-avancados, deu consistência aos seus ímpetos reivindicadores. Cedo deu a sua contribuição: bastava-lhe a publicação manuscrita do seu jornalito «Lycéen républicain» para se revelar o lutador extenuo que veiu a ser. Era então estudante do liceu de Rodey. Não poude continuar a sua educação litterária e com quinze anos entrou num armazem de novidades. Desde então não falta a uma reunião publica, a uma sessão onde as suas faculdades tivessem largas. Com o comunalista Digeon, o pai Digeon, lançou-se na luta revolucionária e desde então a sua vida é uma acidentada carreira de tormentos.

Na influencia salutar da cisão aberta na Internacional por Bakounine e outros acha o seu ponto de apoio.

E' em 1879 que êle contribue fortemente para a criação do primeiro sindicato dos empregados, de onde saiu a primeira brochura anti-militarista, página violenta, impetuosa, incendiária. Ao exército incita aos actos mais violentos. Era bem o fruto da propaganda violenta da época. Com Luísa Michel tomou parte nos graves acontecimentos de 1883, iniciados pelos sindicatos dos marceneiros, de que resultou a sua detenção e a daquela, tomados ambos como responsaveis pelo panfleto. São para êle oito anos de prisão e seis para Luísa Michel.

Panfleitário, orador, homem de acção, Pouget distingue-se principalmente no periódico «Pere Peinard», catilinária veemente, palavras candentes, incitamentos fulminantes, mas tudo carrilado pela ideia determinada da organização metódica, simples, eficaz.

Yvetot é mais um doutrinário, mas menos rigorista no enquadramento fechado das concepções sindicalistas.

Não se circunscreveu á organização económica. Foi mais longe na extensão revolucionária das ideias.

As suas relações íntimas com Pelloutier temperaram os seus impulsos, o que não quer dizer que não soffresse os horrores do cativo e a acção constante da justiça capitalista. O equilibrio das ideias seduzem Yvetot e a sua acção é tal que não demora em substituir Pelloutier no

Secretariado da Federação das Bolsas do Trabalho, da França.

Desde o início da sua profissão como tipógrafo do jornal «Patrie» até ao folheto «Manual do Soldado» vai um período incessante de luta pela palavra, desde as tribunas mais avançadas até às colunas dos jornais mais hostis à sociedade burguesa.

Griffuelhes revelou-se mais tardiamente, aos 21 anos. Até então as suas ideias são rudimentares, embrionárias. Foi a caserna que o sacudi. Apaniguado da corrente blanquista, com a influência do comunalista Delacour, encetou a sua acção comedidamente, sem assomos de violência, com prudência. Quando Millerand governou em 1899 foi nomeado delegado à União dos Sindicatos.

A tática governativa visava a empalmar a acção da Bolsa do Trabalho. A artimanha chegou a inveterar certos elementos que se dispunham a oferecer um banquete ao ministro; foi Griffuelhes que lançou o grito de revolta e a êle se deveu a consolidação revolucionária e económica da Bolsa, liberta desde logo da influência governativa. Não se demorou a vingança e breve forjou-se um *complot* realista, operários de prestígio foram detidos entre êles Guérard, mais tarde aderente ao reformismo. Os sindicalistas

nomearam secretário da Federação dos Coiros e Calçados para em 1901 ir dirigir a C. G. T. A êle se deve a fusão desta com a Federação das Bolsas. A sua actividade é estupenda e em 1905 defronta-se corajosamente com

os reformistas no Congresso de Bourges, donde partiu o grande movimento para as 8 horas de trabalho. Toma parte no movimento de Maio de 1906. Vale-lhe a detenção com Levy, Fromentin, o anarquista milionário, e o realista Durand e Deauxgard. Sempre o proposito da confusão!

Monatte é detido, no Norte. Era o *complot* forjado por Briand e Clemenceau. Este desencadeia as suas fúrias contra os socialistas e os revolucionários. No Congresso de Amiens, os reformistas planeiam o segundo assalto que não conseguem. Era Renard que os orientava.

A ordem do dia, pela orientação de Griffuelhes, repudia a aliança dos sindicatos com o partido socialista.

Depois do Congresso de Marselha em que a luta se travou, de novo foram presos Yvetot, Pougel e Griffuelhes, em Corbeil. Pouco depois saiu, fundado por Griffuelhes, a «Revolution» e o seu trabalho «Acção sindicalista».

O incidente com Levy determinou-lhe a saída da C. G. T. Mas o seu ardor não



Georges Yvetot



Victor Griffuelhes



Emile Pouget

tinham entendimentos com os realistas. Lá como cá! A tática idêntica de captação seguida pelo governo Waldeck-Rousseau só causou riso aos sindicalistas que com Griffuelhes à frente não se deixaram enredar. E de 1900 que data a verdadeira acção militante de Griffuelhes, depois que o

amaina e o sindicalismo francês aprende muito com os seus artigos na *Humanité*.

Nogueira de Brito

NATAL SEM PÃO E SEM LIBERDADE

Todas as nossas horas felizes, as poucas e fugaces horas de felicidade que a vida concede, se felicidade se pôde chamar a esse quebranto que dá um subitô marasmo do cerebro, um subitô alvoroço do coração e um demorado entibiamento de alguns sentidos, todas as nossas horas de felicidade, escrevia eu, são para outros horas de desdita, de tragedia — horas de dôr e de tristeza infinita.

Sabemos que quando nos deliciamos beijando uma linda bôca de mulher, rubra, quente, sensual, outras bocas ha que pedem pão ou que se crispam sob a garra dum intimo e profundo sofrimento...

Sabemos que enquanto os nossos olhos se extasiam na contemplação duma paisagem, duma obra d'arte, dum corpo feminino, sofrego de caricias, outros olhos ha que choram amores perdidos, estimas mortas, dias de tortura e que vão nos labirintos da noite desfolhando seu inacabavel colar de lagrimas...

...Isso, enche muitas vezes e subitamente a nossa alma de funda tristeza. E abre-nos, subitamente, tambem, nos labios que riem, um sulco de amargura. Isso seria o bastante para condemnar a sociedade em que são possiveis tais antíteses, se outras antíteses, tão impiedosas como aquelas, não a tivessem condenado desde ha muito. Isso leva-me muitas veses a odiar tambem certas imperfeições da Natureza, nas quais se desenhão os hieroglifos da fatalidade.

Eu, se pudesse acreditar no mito de deus, muito devia odia-lo — odia-lo por toda essa dôr que a Natureza inflige a alguns homens, aos enfermos, aos defeituosos, áqueles para quem se cerram, inexoravelmente, todos os horizontes da alegria.

Só são verdadeiramente felizes aqueles que inocularam a impiedade no coração e cerraram os olhos ao sofrimento alheio — á dôr do nosso semelhante. Onde actualmente está um homem verdadeiramente feliz, está um egoista, um cruel ou um insensivel.



Sem-trabalho

A insensibilidade é a grande couraça dos herois, dos traficantes, dos dominadores. E' tambem a couraça das feras... E' o escudo de todos que teem o olhar concentrado — de todos que nada veem para alem de si...

E quem, não tendo coração de fera, pode ser feliz contemplando esse desolado panorama que é a vida actual, a vida que herdamos, a vida que vivemos e que não pudemos até agora transformar? Quem não se sente angustiado ante esse triste panorama que é a vida sob a actual sociedade?

Os crueis...

Os egoistas...

Os insensiveis...

Aqueles que só por um fatal equívoco da Natureza, nasceram com o aspecto fisico do homem...

Agora mesmo, quando a minha pena traça estas linhas, eu penso naqueles que não tiveram Natal... Os pobres, os que já não teem braços válidos — e os que teem braços mas não teem

trabalho, os que teem braços mas não teem liberdade...

Até essa limitadissima liberdade que a sociedade burguesa nos concede, se torna dolorosa ao pensarmos que enquanto estamos livres, outros ha que teem apenas por scenario um retalho de terra e firmamento, entrevisto desde as grades duma prisão. E entristecemos-nos mais, ao sabermos que ha nas ruas homens que até a prisão desonrariam e que ha nas prisões homens mais dignos de admiração colectiva do

que esses heróis a quem se ergueram estas.

O Natal não é hoje uma festa religiosa — é uma festa de família, festa dos que estiveram ausentes e regressaram para uma junção de vinculos distanciados. A maioria dos individuos é grata essa noite — e quasi todos, quasi todos, se reúnem em família, não por culto religioso, mas por sentido festivo, não em homenagem ao lendario nascimento dum não menos lendario deus, mas em homenagem ao amor humano — á fraternidade familiar.

Quasi todos se reúnem... Quasi todos — mas não todos...

Ficam isolados os que não teem liberdade para o fazer e os que não teem pão para comer...

Os pobres...

Os presos...

E agora os sem trabalho...

Que profundo estarecimento haverá nessas casas onde não ha pão na noite de Natal, porque a sociedade não só explora o trabalho, como o nega quando aos seus interesses egoistas, *interesses de alguns e não de todos*, assim convem?

Que profundo estarecimento não haveria tambem nesses lares de onde o homem foi proscrito e atirado para uma prisão — muitas veses por defender uma ideia elevada!

Que tragica aureola de angustia circundaria na noite de Natal a cabeça dessa mulher que tem o seu companheiro, o seu irmão ou seu filho dentro dum carcere?

E eles? Os que estão de rosto colado ás grades prescrutando a noite, ou enrodilhados em velhos cobertores, para olvidar, para occultar o pranto nascente, para sufocar a dôr perene?

E os outros? Os que estão mais longe ainda, pizando o solo agreste do degrêdo distante, para lá dum mar enraivecido? Lá, onde essa propria ficção dos direitos do homem que são as leis, deixam de existir, aniquilada pelos proprios que a criaram e defenderam.

E os outros? Os outros? Aqueles que não teem trabalho, que só teem frio, muito frio, porque as proprias roupas foram, por intermedio do penhorista, recurso para a vida alguns dias?

Esses não tiveram noite de Natal...

Uns por não terem pão... Outros por não terem liberdade...



() preso

Ferreira de Assis

UMA PESCA INTERESSANTE

Os arenques! Só os conhecemos fumados e são bem bons. Pois pescam-se, na sua maior parte, nos confins do Atlântico norte, ás portas do Oceano Boreal, nas costas geladas da Islândia.

Em fins de Julho, chegam em cardumes que atingem por vezes três quilómetros de comprimento, e costumam andar à superfície durante o dia. Quando o tempo está claro, é mesmo fácil avistá-los. De noite, o arenque é desconfiado, e basta a sombra de uma embarcação para o fazer mergulhar.

Todos os anos, mais de 600 barcos de vela ou de

motor, de todos os tamanhos, e mais de 200 vapores se empregam na pesca do arenque, em águas islandesas. Uma quarta parte da pesca pertence à tripulação. No entanto, o rendimento da pesca varia consideravelmente. Cita-se, por exemplo, o caso de um marinheiro que num ano ganhou 143 coroas, e a quem no ano seguinte couberam 1.800 coroas.

Em 1924, uma goleta dinamarquesa apenas conseguiu pescar umas centenas de arenques, enquanto outras pescaram 1.400 a 1.500 toneladas.

Esta pesca constitui um monopólio. Só os dinamarqueses e irlandeses podem pescar em águas territoriais da Dinamarca, que são constantemente vigiadas por vapores-patrolhas de grande velocidade.

Do arenque aproveita-se tudo, incluindo as proprias espinhas que, reduzidas a pó, constituem um produto precioso para a cultura da vinha e do arroz. A França e o Japão compram todos os anos grandes quantidades dêsse adubo.

AS UNIVERSIDADES POPULARES

A vida da humanidade, para o homem que sente, tem facetas bem desoladoras.

Constatarmos que os potentados do mundo tem empregado a sua actividade em fazerem mal lançando os individuos uns de encontro aos outros, cogitando nos melhores meios de esse mal ser o maior e o mais rapido, e o mais atterrador e pungente; verificarmos que alguns outros homens consomem o seu tempo, o melhor da sua intelligencia e muitas vezes a sua fortuna, concebendo e fabricando engenhos mortiferos cada vez mais poderosos, mais nocivos e de maior amplitude da sua acção devastadora; notarmos que estes e aqueles se aliam num pacto tenebroso e maldito com o fim de espalharem a morte e a desgraça pelos que os mantem, é caso para desesperarmos da existência e abominarmos a hora em que a natureza poz, sob a influencia das suas leis, uns juntos dos outros, todos os elementos sólidos, líquidos e gazosos, dozeando-os convenientemente para que em dado momento, numa combinação química, num arranjo molecular mui especial, apparecessem os entes orgulhosos e cheios de vaidade que certos homem são!

Felizmente nem todos são assim; nem todos são cruéis, egoístas e ferozes no seu culto ao Poder, ao Domínio, ao Bezerro de Ouro.

Felizmente uma grande falange de homens de coração pensam nos sofrimentos de seus irmãos. Há mentalidades elevadas que sentem onde está o mal e vêem que a razão de poderem uns homens subjugar a outros estorquindo deles os meios de vida propria sem dispenderem o mínimo esforço nem se importarem dos males das desgraças que dessa estorção advêm para os espoliados, está na falta duma educação bastante forte e sadia que elucide o cérebro e depure o sentimento das massas subjugadas. E porque há essas mentalidades, nós assistimos ao grande afan em que elas se empenham, derramando o saber pelo povo, espargindo a luz da sciencia pelos cérebros obscurecidos dos trabalhadores, esclarecendo-lhes as ideias, sublimando-lhes a moral, numa constancia de acção admirável, norteadas pela fé da vitória final, desprezando os ataques do obscurantismo, superiores às criticas acintosas tendentes a dificultar-lhes a marcha gloriosa, ligando uma importância mínima a questões de ordem material, privando-se do próprio conforto, do próprio repouso, não um dia, mas dias, meses, anos, toda a vida dedicada a esta cruzada benemérita e heróica.

Quando, pela primeira vez, assisti, como componente, a uma sessão do Conselho Administrativo de certa instituição, não pude esquivar-me a estabelecer, no fóro da minha consciência, o confronto entre esses tais que se servem do poder para esmagar os seus semelhantes; esses tais que queimam as pestanas, torturam o cérebro, passam as noites em vigília perseguindo uma ideia, um estudo, um plano do qual há de sair uma ou inúmeras calamidades para os povos, sob o pretexto de patriotismo ou outro qualquer de resultados semelhantes, dividindo os homens, marcando fronteiras, alimentando ódios e semeando fartamente a desgraça, — não pude deixar de pôr em confronto, dizia eu, esses tais com aquele grupo de homens de saber, de professores eminentes, de cotados doutores e até—; como isto consola! — e até operarios com certa cultura, todos comungando no mesmo ideal levantado e entregando-se ao grave e delicado problema de educar a massa trabalhadora, mas ignorante, procurando acender nas trevas do espirito dela um luzero redentor que lhe descubra um futuro de liberdade e de bem-estar, de justiça e de beleza!

Ali, num modesto gabinete, aqueles homens utilizavam as horas livres dos seus deveres profissionais, não em descansar ou divertir, não em cavaco banal ou em passeio higienico! Não! Aquelles homens achavam ainda cedo para repousarem e e-los entregues de alma e coração a esta bela tarefa: construir o futuro! E isto faziam talvez no mesmo momento em que os outros estavam

conchavando o crime sob a capa da *civilização dos povos atrasados e do direito das gentes!*

As Universidades Populares são realmente o meio mais proficuo de derramar os conhecimentos úteis e de levantar o caracter, enobrecendo os homens. Desprezando fronteiras, estabelecem a comunidade dos povos. Demolindo preconceitos, põem em contacto os ignorantes com sábios, os trabalhadores de braço com os trabalhadores de cerebro, sem que entre eles haja esse espirito de classe a diferenciá-los ou a colocar uns e outros numa situação irreductivel ou aggressiva que os não deixa á vontade e os embaraça. Ali é que se realiza a aproximação eficaz dos intelectuais e dos operários. Ali aprendem a conhecer-se uns aos outros e a apreciar os valores reciprocos. As Universidades Populares, quando norteadas pelos seus objectivos *iniciais*, são os institutos que o operariado pode frequentar sem prejuizo da sua ideologia própria e onde pode adquirir a sciencia que tão precisa lhe é para a luta social. Ali se moralizam insensivelmente os costumes e se realiza essa comunhão de ideias a que os espiritos nobres, quer do elemento operário como de entre os chamados intelectuais, tanto aspiram.

¿Onde brotou primeiramente esta concepção genial e altruística das Universidades Populares? ¿Qual a sua causa primária?

E' para mim difficil responder a estas perguntas, se não é um impossivel.

Creio-a uma natural consequência dessa corrente social que vem da compreensão que o operariado teve da sua necessidade de conhecer a sciencia e de manejar as armas do saber a fim de poder conquistar o seu lugar na sociedade onde o seu esforço é condição primacial de existência. Dessa corrente derivam o cooperativismo, o sindicalismo, a organização de partidos operários, toda uma legislação especial do trabalho e as instituições universitárias de caracter popular.

Não se conclua, porém, disto, que a origem primordial destas últimas esteja no que acaba de ler-se. Tão certo é as fases do progresso se filiarem umas nas outras e que, pretendendo investigar as causas primárias de tal ou tal fenómeno, recuando de causa em causa nunca atingiríamos o fim, que pelo que respeita ás Universidades Populares nos perderíamos no infinito se quisessemos averiguar da sua inicial razão de ser.

¿Aquella comuna de Montreuil anelando por uma era de justiça e de paz, vivendo ou procurando viver em completo comunismo, permutando gratuitamente os seus productos, representaria a primeira pedra para o futuro edificio da instituição universitária popular?

Talvez! mas nesse caso, para sermos mais rectos no juizo, deveriamos meter em linha de conta as perseguições ferozes de que os seus membros foram vítimas após o atentado Carnot bem como outros agrupamentos similares. ¿Quem pode garantir que essas perseguições não concorreram involuntariamente, é certo, para que o Instituto Universidade Popular fôsse um facto?

Acoçados como feras, vagueando isolados, mas cheios de ideal e de fé, esses comunistas, frequentando as tabernas e os cafés cantantes, tornados apóstolos da sua ideia de redenção e de amor, prégando, disseminando a sciencia, filosofando sobre questões sociais, a politica, a arte, e não terão, em certo modo, lançado a semente de que deveriam brotar, mais tarde, as Universidades Populares? Não terão estas, em França, a sua raiz naquella folha volante à qual o seu autor, que era tambem o seu tipógrafo e o seu distribuidor, pôs o nome de «Cooperation des Idées»?

Da tenacidade d'este tipógrafo, da fé daqueles escoraçados comunistas que, mau grado as vexações de que foram alvo, conseguiram reünir-se novamente, resultaram as «Soirées Ouvrières» cuja orientação era talvez inspirada no espirito de Fourier, de Stirner, de Proudhon, etc.

Aquellas «Soirées Ouvrières» foram talvez a primeira

Universidade Popular; pelo menos uma das que, em França, mais se impõem ao estudioso.

O escôpo d'êste instituto era a educação como base do resgate do futuro, da criação da Sociedade Nova. Cur-saram-se ali línguas, arte social; fizeram-se consultas mé-dicas, jurídicas e económicas; organizaram-se mutualida-des, cooperativas, excursões; instalou-se uma biblioteca, um museu, um gabinete de leitura; etc., etc.

Não foi sem luta, dissabôres, inimizades, persegui-ções, vexames que o instituto vingou szír, por assim dizer, incólume. Bastará recordar que se atravessava, en-tão, a época em que estalou a questão Dreyfus.

Pensadores, artistas, poetas, filósofos, como Zola, Ana-tole France, Duclaux Tailhade, Séailles vieram dar o seu contingente de saber, aproximando-se do povo trabalhador.

A instituição progrediu, mau grado a procela político-religiosa que a sacudiu; e, em 1899, transformava-se na Société des Universités Populaires. Cumulativamente o dinheiro affluí e, após esforços constantes, na rua do Arrabalde de Santo António, ostentava-se a primeira Uni-versidade Popular francesa.

Em Inglaterra e nos Estados Unidos, talvez mesmo antes da França, se pensou em universidades populares, no intuito de dilatarem até ao conhecimento do povo o que até ali era apanágio da casta privilegiada—a sciência, filosofia social, etc. Daqui a designação de «University Extension».

Na Austria houve tambem qualquer idéa semelhante. Mas na Polónia, na Itália e na Bélgica foi onde mais se evidenciou a influência da França.

Na Polónia, por exemplo, a vida da Universidade Po-pular Adam Mickiewicz salientou-se como das mais bri-lhantes em esforço produzido. Teve bastantes filiais. Edi-ção de brochuras, pequenas obras populares, palestras ou preleções públicas com projecções luminosas, conferências nas associações operárias, escola noturna para adultos, cursos, veladas para os centros operários, bibliotecas mó-veis, etc., tal era a actividade educativa desta instituição.

Em Portugal a Universidade Popular Portuguesa, se fôr orientada por um ideal superior de liberdade, mais ou menos seguindo um programa de verdadeiro alcance so-cial, diligenciando sempre pôr-se em contacto íntimo com o meio operário, nunca descurando de o convidar a ir banhar-se na luz da sciência sãdria e redentora que ali se propagar, independentemente da restante acção que irra-diar por tôdas as associações operárias com as quais está em relação, poderá fazer obra de altíssima utilidade para os trabalhadores. ¿Fá-lo-há?

A Academia de Estudos Livres, o instituto popular d'êste género mais antigo, tem uma brilhante folha de serviços prestados à boa causa da educação popular; e seguindo-lhe as peúgadas, no afan generoso de dilatar, por tôdas as formas, a educação sãdria entre o povo trabalha-dor, têm-se fundado, como é sabido, outros institutos si-milhantes nos fins e meios como as Universidades Livres de Lisboa, Porto e Coimbra, procurando realizar o nobre ideal emancipador das classes produtoras. ¿Realizá-o-hão?

José Carlos de Sousa

A GREVE CORTICEIRA DE SILVES



Durante a ultima greve dos corticeiros de Silves, foi, pela respectiva Associação de Classe local, organizada uma cosinha que, durante os 20 dias de greve, distribuiram duas refeições por dia a 113 crianças filhos, dos grevistas.

(Cliché enviado pela Associação Corticeira de Silves)

O balanço dum ano... que não teve juízo nenhum



Se anos costumam ter juízo. Dizia-o o Saragoçano, di-lo o Borda de Água. Pois este de 1925, que hontem expirou, não teve juízo nenhum. Ou melhor: teve tanto como os outros, que tôdos foram maus e torpes, há quatro mil anos, pelo menos.

O juízo não é, não deve ser, dos anos, mas sim dos homens, e estes com as suas imperfeições é que estragam a vida uns aos outros.

Ora este ano de 1925, último dum quarto de século, que há de ser cumprido sem que extraordinários acontecimentos se dêem no mundo, não foi pior que os anteriores. Foi, simplesmente, igual.

No seu transcurso o homem continuou a ser explorado pelo homem, sem que se conseguisse saber porquê.

Durante êle uns cavalheiros quaisquer sentaram-se numas cadeiras e rosnaram: — nós somos o poder, a autoridade. E a maioria submeteu-se e achou bem, sem lhe ocorrer perguntar: — porquê? Por sua vez outros cavalheiros, combinando umas palavras cabalísticas e usando umas chaves misteriosas, abriram os cofres, meteram e tiraram ouro e grunhiram: — somos o capital, a riqueza. Poucos se atreveram a perguntar-lhes: — porquê? Ainda outros, envergando uns balandraus negros, proferiram solenemente: — somos a lei, a justiça. E quasi tôda a gente os acatou, sem se lembrar de perguntar: — porquê? Outros, vestidos de berrantes trajos e com uma navalha comprida à cintura, vieram para a rua, disparando tiros, matando gente, e rugiram: — nós somos a força e a ordem!

Só uma diminuta minoria se permitiu duvidar, pelos menos da segunda afirmativa.

Por último, iluminados de fogo concuspiciente e ambição desmedida de dominar as consciências, surgiram os de sotaina, clamando: — somos a verdadeira religião! E quasi não ouviram uma voz que se erguesse, protestando.

E todos: estado e capital, magistratura e força armada, se consideraram senhores incontestados dos corpos, porque as almas essas, cabia à religião deformá-las.

O tripúdio, a bacanal secular, prosseguiram. O animal humano, o povo imbecil e estúpido, sofrendo e chorando, vergou a espinha e recebeu o fardo — serviu. E até hontem à meia noute, não tinha alijado a carga. Porquê? Porque se acha bem na servidão, porque gosta e ninguém tem nada com isso.

A vida é cara, os salários são escassos, o trabalho é duro? Que lhe havemos de fazer?! Ter paciência!

O estado rouba, o patrão explora, o polícia bate? Ora!... mais um bocadinho de paciência!

Desejamos uma mulher, temos um livro para editar, um filho que precisa mudar de ares, mas o dinheiro mal chega para matar a fome — tenhamos paciência, nem todos podem ser ricos!

Êles andam de automovel, vão a todos os divertimentos, teem amantes belas, fatos elegantes e confortáveis, possuem palacetes e jardins, livros e obras de arte... que diabo! Temos cinco dedos na mão e nenhum dêles é igual...

E nesta resignação ignóbil de castrados se passam os anos, o de 1925, como os outros.



Vem aí 1926. Melhor, já cá está, começou hoje. E' um pimpolho rosado e galante, que promete. Vamos vêr o que dá.

Não dará nada. Será como os outros enquanto a maioria dos homens fôr como, há milhares de anos é, constituída por animais de carga, resignados e dóceis. Já fez cama a alharda no lombo lazarento do povo e na sua bôca faminta o freio e o bridão fizeram calo também. Êles bem o sabem. E aumentam a carga e puxam mais as rédeas, e de vez em quando enterram as esporas.

Pois se nós gostamos, e se até pedimos mais! Muito generosos são êles. Êles pedem-nos votos e nós damos-lhes os votos todos, tantos que êles até às vezes os deitam fóra. Se é dinheiro que pedem, corremos a entregar-lho. E se é os filhos que nos levam para soldados, nós até lho agradecemos — são bôcas a menos. Nós somos uns cães, mas só para ladrar, morder êles é que nos mordem.

Em 1926 haverá tudo quanto 1925 teve de mau — aumentado. Essa mistificação das notas, que ora são falsas ora são boas, com que se afogou em lama o ano transacto, vai ter uma repercussão enorme na vida social. A falta de trabalho será pavorosa, a vida encarecerá por fórmula nunca vista. E se alguns de nós tentarem revoltar-se, as metralhadoras cantarão nas ruas.

Isto não é pessimismo; é a simples dedução lógica de premicias conhecidas. O aumento forçado da circulação fiduciária e a falta de crédito externo trarão o agravamento da divisa cambial e o conseqüente aumento do custo da vida.

Esse aumento multiplicá-lo hão, pelo menos, por dez, as «forças vivas». A moagem por seu lado há de importar muito bom trigo, para fazer pão de farelo. A banca especulará também. O proletariado logicamente pedirá aumento de salários, e dar-lhe hão tiros, e a pretexto de que há desordem êles ordenarão que sejam julgados os trabalhadores «noutra comarca», quere dizer — na Guiné.

E nós de joelhos, de rastos, sem um assomo de dignidade, de energia viril. Batem-nos, e, como as meretrizes, ainda gostaremos mais dêles; afrontam-nos e, como os maridos enganados, procuraremos tirar proveito da afronta.

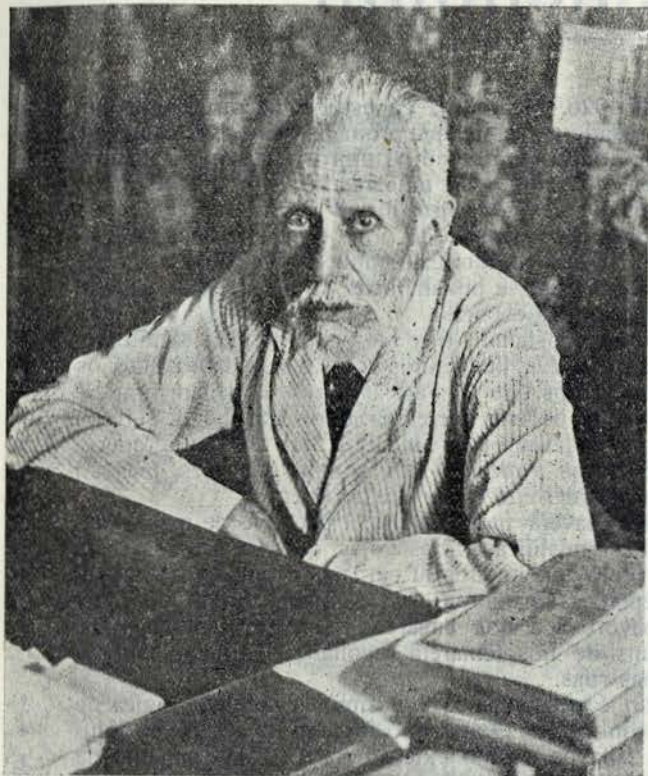
Estes vaticínios hão de cumprir-se. E' a fatalidade etnica. Há quantos séculos somos escravos e cobardes? Pois a servidão e o medo acumulados imprimem caracter, dão uma segunda personalidade, transformam a psicologia colectiva.

Este que na sua mansarda é um revoltado, vem para a rua e vê todos resignados, satisfeitos mesmo. E então envergonha-se, oculta a sua revolta, como uma doença secreta e, ou resigna também, ou adere — o que é mais comodo — e passa a comer com êles, ou então comete a leviandade de se ir embora mais cedo, antes de terminar o espectáculo.

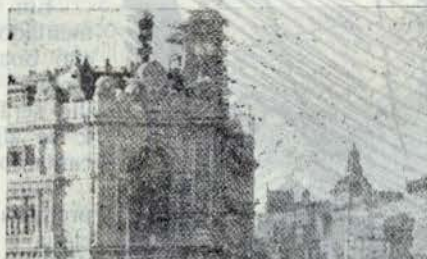
A revolta colectiva, unânime, sem acordos nem organizações, expontânea, natural, essa não virá em 1926, como não veio em 1925, apesar de anunciada por pessoas de boa-fé. Não vem, que nós não a queremos. Se isto assim é que é bom...

...poderia ser melhor, talvez; mas que fazer? Paciência!

MORTE DE PABLO IGLEZIAS



António Maura e Pablo Iglesias foram companheiros de escola. Dedicaram-se ambos à política mas enveredando por caminhos completamente opostos: um, acomodou-se a defender o passado, a opressão e os privilégios; o outro consagrou toda a sua vida à defesa dos direitos e interesses do proletariado. O primeiro teve como prêmio, a riqueza; o segundo, a pobreza. Morreu Iglesias no dia 9 do passado e Maura no dia 13, precisamente no dia em que aquele se enterrou. O funeral de Maura celebrou-se no dia 14. Os dois funerais ofereceram um contraste flagrante: enquanto o de Maura teve um acompanhamento reduzido e constituído por padres, militares e políticos, o de Iglesias teve a acompanhá-lo duzentas mil pessoas. A morte do patriarca do socialismo espanhol, no dizer insuspeito duma revista madrilena conservadora, foi a mais sincera, a mais respeitosa manifestação de pesar que Madrid tem conhecido. O contraste dos funerais dos dois políticos explica-se: Pablo Iglesias foi um apóstolo da Liberdade e da igualdade; Maura foi o assassino de Ferrer.



Em cima: *Pablo Iglesias*, chefe do partido socialista espanhol, falecido no dia 5 de Dezembro com 75 anos de idade. Em baixo: Imponente aspecto que oferecia a Praça de la Cibeles, em Madrid, amanhã de domingo, 15 de Dezembro, durante a grandiosa manifestação de pesar pela morte do «leader» socialista.

QUE É O "FASCISMO"?

Os anos de 1922 e 1923 foram caracterizados por triunfos fascistas, na Itália, primeiro, na Bulgária e na Espanha, depois.

Tomamos aqui a palavra fascismo no seu sentido geral, isto é, um domínio político da direita, quer com aspecto civil, quer militar, ou seja um sistema político regressivo que, no dizer de Nitti, pretende a ressurreição dos processos medievais em oposição aos princípios da democracia, taxativamente expressos na Carta dos Direitos do Homem e do Cidadão a que a Grande Revolução Francesa deu a sanção de lei geral.

O fascismo não tem de italiano senão o nome, pois é um fenómeno peculiar a todos os países onde se manifeste a crise social.

Nas democracias, o Estado declara-se neutral entre as classes; e, embora de facto o não seja, é obrigado a certas concessões para dar a ilusão duma certa harmonia entre os princípios e os factos. O fascismo, pelo contrário, caracteriza-se por uma política de favores e privilégios às classes que detem os meios de produção de riquezas e, ao contrário, por uma política de repressão contra a classe operária e os pequenos produtores independentes, sobre tudo, os agrários.

Os Estados onde a crise social, que é o corolário das diversas crises — a política, a financeira, a económica, a moral — ameaça levar os regimes pré-existentes à decomposição, estão ameaçados ora pelo triunfo operário, ora pelo triunfo fascista.

De facto, a situação na Itália esteve, em 1921, nas mãos do proletariado. Os operários chegaram a apossar-se das fábricas nas grandes regiões industriais da Lombardia, do Piemonte, do Milanês. A velha raposa política que é Giolitti, perfeito conhecedor das tendências rivais que dividiam o operariado, assistiu a este lance revolucionário de braços cruzados, seguro da vitória. Ela não tardou. Bem depressa os operários se convenceram de que a sua revolução deveria ter uma extensão bem mais importante,



Mussolini com Jordansky e Janson, os dois Embaixadores da Rússia, reunidos em 7 de Novembro de 1921 no Palácio Ghigi, em Roma



A ordem fascista

que era indispensável a unidade operária para que o seu triunfo fosse sólido e duradouro.

Tendo fracassado a tentativa operária tornou-se inevitável o triunfo do fascismo. Nos grandes momentos de crise nacional as classes intermédias, a pequena indústria, o pequeno comércio, a pequena lavoura, a braços com dificuldades insuperáveis, predispõem-se a experimentar novas fórmulas governativas da direita ou da esquerda. Se o operariado tem sabido e podido manter a vitória, aquelas classes aguardariam a sua acção com benévola expectativa. Uma vez derrotado o proletariado, elas aguardaram a salvação do fascismo. Quando Mussolini, à frente dos seus bandos, iniciou a marcha sobre Roma, a batalha estava já ganha espiritualmente.

Na Bulgária a situação era idêntica. O czar Fernando arrastando a nação a guerras constantes, primeiro com a Turquia, depois com a Grécia e a Sérvia, depois ainda colocando-se ao lado dos impérios centrais, levou o descontentamento às classes médias e operárias e sobretudo aos camponeses que ali constituem a grande maioria da população. A derrota militar do exército bulgaro que cercava Salonica implicou a abdicação do czar Fernando e o ostracismo dos grupos políticos que haviam obedecido. Stamboulisky, o chefe dos agrários, tomou o poder. Mas não soube nem quis fazer uma aliança com o operariado, antes pelo contrario, temendo-o, moveu-lhe perseguições.

O resultado é que se achou isolado entre as forças da direita e da esquerda, e baqueou facilmente em face dum golpe de mão militar.



O deputado socialista Matteotti vítima dos sicários chefiados por Mussolini.

Na Espanha, os partidos governamentais estavam desmoralizados. Dizendo-se demócratas, eles adotavam o

estado de sítio como sistema, vexavam a imprensa com perseguições. O operariado que chegara a adquirir uma grande força, especialmente na Catalunha, sofrendo a repressão governativa dos governos chamados democráticos, achava-se abalado e impedido por isso mesmo de tomar parte na defeza de um regime de que êle tinha sido a principal vítima. E, entretanto, tendo falido os partidos constitucionais era indispensável que alguém se apresentasse a pretender resolver a crise. Não o tendo feito a classe operária, fê-lo a classe militar. Primo de Rivera triunfou sem dificuldades, sem derramamento de sangue. O caminho estava aplanado.

O que significa o triunfo do fascismo em qualquer destes países, todos nós o sabemos. As liberdades e garantias individuais são logo mutiladas, recorrendo o fascismo a todos os processos de violência para fazer vingar os seus designios, para inutilizar toda a crítica das oposições. Na Itália, como na Bulgária ou na Espanha, os adversários do fascismo tombam varados a tiro em plena rua, à luz do sol.

O fascismo não chega, porém, a ser uma solução para a crise social. Está provado com a experiência destes três anos. Em vez da prosperidade prometida, a Itália vê caminhar aceleradamente a sua moeda para o zero. A Bulgária e a Espanha não resolveram um só dos problemas que os seus governos de força se propunham resolver. O fascismo é a última tentativa para prolongar a vida do capitalismo agonizante. Fracassada a experiência virá de novo um renascimento do liberalismo para reaparecer depois do perigo oprário, fatal e inevitável.

E' para lá que se caminha.



Mussolini presidindo ao grande conselho fascista

O PRESTAMISTA

CONTO DE EDUARDO FRIAS

— Afinal não era preciso vir tão cedo — pensou o sr. Amorim depois de fechar um grande livro de assentos. Os seus empregados mantinham o estabelecimento na mesma ordem, com a mesma arrumação, como nos tempos em que ele atendia também os seus freguezes. E não eram poucos — continuou pensando o sr. Amorim, com alguma saudade e uma pontinha de orgulho. — Ele era o penhorista mais antigo e mais procurado naquele enorme bairro de miseráveis. A prova da vastidão dos seus negócios, estava na sua situação magnífica. Enriquecera primeiro que os seus colegas, e há uns bons cinco anos que se retirara do balcão e recolhera com algum reumático, mas ainda muito rijo, à tranquilidade das suas pantufas. Durante esses cinco anos, o seu estabelecimento continuara merecendo o mesmo crédito. O negócio persistia, obtendo o mesmo rendimento, porque os pobres não acabavam e os seus empregados eram fieis.

Tranquilizado com estas ideias, o sr. Amorim sentiu invadir-lhe uma deliciosa lassidão, teve saudades dos seus lençoes, e voltou a repetir:

— Diabo! Afinal não era preciso vir tão cedo!...

Porque ele viera, antes da hora de abrir a loja, para se identificar com a casa, os logares dos livros, agora que só conhecia os seus aposentos macios de estofos e as mãos, mais macias ainda, da sua governanta que não lhe deixava dar um passo para que ele não se incomodasse.

Automaticamente, como se estivesse na sua saleta depois do almoço, encaminhou-se para uma poltrona, fitou-a para lhe medir o valor, e, certificado assim, da sua resistência, instalou-se pesadamente, num abandono feliz, deixando que as palpebras pendessem livremente.

Um voluptuoso turpor fê-lo esquecer a estúpida ideia de um seu empregado se despedir a uma sexta-feira, e obrigá-lo a estar ali, para o substituir, nesse dia de enorme movimento que é o sábado, quando os pobres tentam, depois de receber a fêria, resgatar ou pagar os juros dos seus irrisórios haveres.

Esquecera tudo, e dormia tranquilamente, ruidosamente, como se estivesse em sua casa, depois dos cuidados da sua governanta. E continuaria dormindo, como de costume, até que o viessem chamar para o jantar, se o não despertasse um murmúrio errante, como de vezes asfixiadas implorando socorro. Esfregou repetidas vezes os olhos, olhou em torno e ficou perplexo, aturdido, sofocado por uma sensação de medo inverosímil. Alguem, dentro do seu estabelecimento, clamava, aflito, que acudissem,

que se inteirassem que estava ali um ser humano, perdido, ignorado.

Quem poderia ser? Como poderia encontrar-se na sua loja, talvez junto dum cofre, enterrado sob preciosos valores, um homem, uma mulher, podia lá supor quem fosse! Quis racionar, mas era-lhe impossível ligar ideias. A casa era diferente. Os moveis estavam trocados. Tudo lhe era estranho.

Entretanto o murmúrio ecoava, lamentoso, desesperado. Já não era uma voz, eram sons vários formando um côro agonico, horrisono. Quis gritar, fugir, mas a voz e as pernas embarçavam num pasmo, num pavor que lhe fazia bater o queixo de frio, nervosamente.

Os gemidos precisavam-se.

— Tirem-me de aqui. Então nunca mais me veem resgatar?... Bandidos! Estou aqui preso por um juro insignificante... Roubam-me a vida por uma miséria!

O sr. Amorim voltou a esfregar os olhos desesperadamente e a apalpar-se.

— Mas isto é de endoidecer. Estarei eu louco? Mas que será isto? Como pode esta gente entrar para aqui? Mas eu estarei verdadeiramente na minha casa onde durante tantos anos levei uma vida honesta, emprestando dinheiro? E se esta gente me rouba? Mas porque não fugiu já esta gente com os meus ricos valores?

Estas ideias martelavam-lhe o cérebro produzindo-lhe na fronte uma dor agudíssima. Tentou dar uns passos e recuou espavorido. Ao longo de

uma parede, como uma fila de capotes e abafos de mulher, encontrava-se pendurado um cordão de individuos torcendo o rosto numa terrível carantonha. Ao verem o prestamista, gemeram:

— Sr. Amorim!... Meu rico senhor! Abata um pouco mais o juro para nos virem buscar! Estamos aqui presos por uma miséria... Ai! se nós pudessemos morrer... Estamos aqui por causa dos nossos filhos... Sr. Amorim!... Abata um pouco os nossos juros.

O prestamista recuou horrorizado, tentando ganhar a porta e safar-se daquele tenebroso espectáculo, e já na rua gritar por socorro, desabafar, mandar prender os empregados, saber, enfim, mais serenamente, a causa do extranho acontecimento, mas não pode ir muito longe. Desconhecia a sua própria casa. Sem poder explicar a si próprio a estupenda transformação, a casa desdobrava-se num labirinto de corredores, formados pela frontaria de uma infinidade de cofres-fortes.

— Eu endoideço... Acudam, eu endoideço — gritou o



sr. Amorim. E na desordem dos seus pensamentos, clamava cada vez mais alto:

— Estes homens... estes cofres... Mas como? Com tanto cofre, eu estou riquíssimo!... Mas como? Então eu tinha tanto cofre sem o saber?

Agora que já não escutava nem via o estranho coração dos homens pendurados, diante de tanto cofre forte, recuperou a serenidade de homem de negócios e quis dar um ligeiro balanço à sua riqueza; e, já mais calmo, reflectiu:

— E' possível! E' muito possível que os meus empregados tenham feito prosperar isto... Muito bem. O que é de estranhar é que os marotos não me tivessem dito nada. O que ées teem ganho, os grandes manhosos...

Lembrou-se dos gemidos dos homens suspensos nos cabides e concluiu:

— Percebo! Agora percebo tudo! Negociaram com a vida das pessoas. Aceitaram a vida de um individuo como penhor! Ai esta... Percebo! Ai que grandes tratantes!...

Lembrou-se de voltar a encarar os prisioneiros e obter d'elles a confirmação das suas deduções. Quanto seria cada um? Quanto seria o juro de cada um desses pobres diabos? Esfregou as mãos, riu sozinho, imaginando a cara dos seus empregados quando metessem a chave à porta e elle lhes gritasse:

— Rua! Rua! Senão mando-os prender!... Não contavam comigo, hein!... Acabou-se-lhes o negócio... Rua!...

Ao dar os primeiros passos, escorregou. O sobrado estava escorregadiço, húmido, viscoso.

— Diabo! Donde vem esta água?

Continuou andando, mas os pés entraram a arrancar salpicos, prendendo-se ao mesmo tempo em poças cada vez mais densas...

— Sangue!

Era sangue e não água o que inundava o chão. Era sangue que, em filetes vermelhos, corria por todas as fendas dos cofres fortes.

— Endoiço! Endoiço! — gritava o sr. Amorim. — Tratantes... Bandidos... Ladrões! Assassinos! Ai o que fizeram da minha casa os patifes dos meus empregados... Negociaram com tudo! Endoiço... Os vampiros... Fizeram fortuna à minha custa, e com sangue humano. Assassinos! Ladrões!

Um dos cofres, donde não escorria sangue, encontrava-se entreaberto. O sr. Amorim avançou para elle, cautelosamente, para não esparrinhar, para não sentir o sangue a invadir-lhe a roupa. Afastou a pesada porta e, então, viu, esfregou muitas vezes os olhos, e voltou a ver, outra vez sangue, muito sangue, acondicionado em caixinhas de ferro. Cada uma destas caixas tinha um dístico: *Sangue pertencente ao sr. fulano como penhor da quantia de...*

— Vampiros... Não há dúvida... São elles, os meus empregados, que emprestavam dinheiro sobre o sangue dos meus freguezes. Assassinos!

Não ponde mais. As forças abandonaram-no. As pernas vergaram. Procurava um ponto de apoio para não cair mergulhado em sangue. Rangeu uma porta, ouviu passos. Alguem caminhava até elle. Atirou-se sobre um movel, gelado de pavor. Era horrível. Não comprehendia nada. Não conhecia a sua casa, que aumentava de proporções, e onde se passavam as coisas mais extraordinárias, os crimes mais repugnantes.

Fechou os olhos. Apavorou-o este mistério de portas que se abriam, de cofres que escorriam sangue, de gente que gemia e que avançava para elle.

Os passos continuavam, cada vez mais nítidos.

Alguem aproximava-se dele.

— Bons dias, senhor Amorim.

Ele abriu os olhos, olhou em torno, e viu-se na sua antiga loja, diante do seu empregado que depois de o cumprimentar, atravessou o estabelecimento para correr os taipais. Ao mesmo tempo, ainda com a porta ondulada meio corrida, entrava uma velhota com um pacote envolvido em papel de jornal. Então o sr. Amorim, para entrar mais sensivelmente na realidade e dissipar as últimas impressões do pesadelo, avançou para o balcão, iniciando a sua vida de honrado comerciante.

— Que temos?

— Trago aqui, sr. Amorim, uma saia para o senhor

ver quanto me pode emprestar por ela. Quero ver se com isso tiro um vestidinho que cá tenho do meu neto. Agora está muito frio e se não aqueço a criança, ela morre-me, coitadinha.

— Bem! Bem! Vamos ver... A saia vale pouco... E os juros do vestido do garoto? Deixe ver as cautelas... Ah! Não chega...

— Não chega?

— São cinco meses de juros, e está com muita sorte em não ter ido a leilão.

— Mas o pequenito morre-me de frio. Santo Deus! Fica-me cá tudo... Mas quanto falta?

— Vinte e cinco tostões.

— Então dê-me mais vinte e cinco tostões pela saia. Não calculava que os juros fossem tão grandes. Pago tanto de juro como do empréstimo. Vá... Faça a cautela. Por vinte e cinco tostões não devo perder o vestidinho da criança. Se o não tiro agora, aí fica para sempre sem o levar, e o pequeno morre de frio, com certeza... O' sr. Amorim...

— Não posso. Acabou-se. E nunca mais cá apareça com essas coisas. Que maçada!

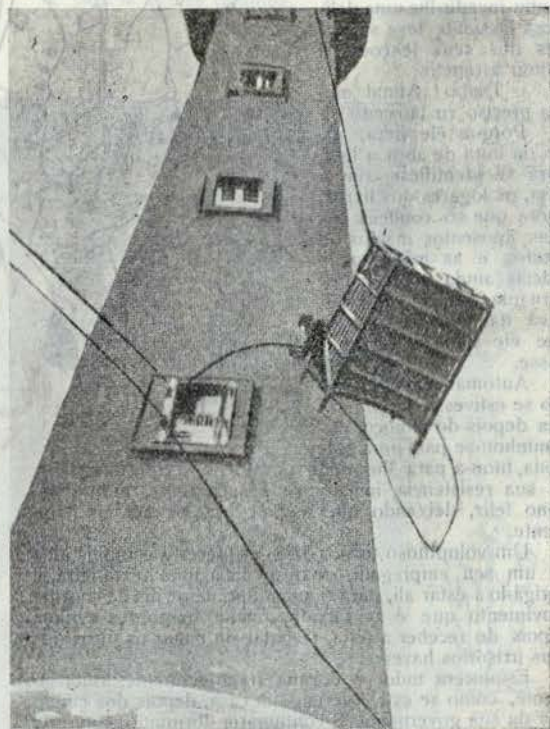
Afastou-se.

— Fica-nos cá tudo... Levam-nos tudo! murmurou a pobre velhota, choramingando. Gente sem coração. São capazes de nos levarem o próprio sangue...

Esgueirou-se para a rua, enquanto o sr. Amorim, muito plácido, esperava novos freguezes para, com a maior naturalidade, continuar exercendo a sua honrosa actividade...

Edwardo Freire

OS HEROIS IGNORADOS



Está-se a pintar de branco o novo farol de Ostende. O trabalho, como se vê pelo instantâneo tirado, é bem mais perigoso do que o de fabricar notas de quinhentos escudos. Mais perigoso e muito menos rendoso para o anónimo que o executa.

CONTRA AS DEPORTAÇÕES

A despeito da proibição arbitrária das autoridades, a manifestação que na segunda-feira, 21 de Dezembro, se chegou a fazer ao Parlamento, traduziu, de maneira inequívoca, a indignação que lavra entre a massa trabalhadora pela deportação para a Guiné de operários acusados dos mais execráveis delitos mas que muito bem podem ser inocentes visto que não foram submetidos a julgamento. A suposição, absolutamente admissível, de que alguns deles possam estar inocentes dos crimes que a polícia lhes imputa, justifica a indignação e enobrece os espíritos que se sentem tomados por ela.

O operariado de Lisboa, quasi na sua totalidade, largou o trabalho às 12 horas dêsse dia, e, depois de ter assistido aos comícios realizados no Salão da Construção Civil e no pátio do edificio da C. G. T., dirigiu-se ao Parlamento acompanhando a Comissão Pró-Deportados que foi entregar uma representação ao presidente da Camara dos Deputados reclamando a cessação da tremenda iniquidade, com o regresso immediato à metrópole dos deportados sem julgamento.

Enquanto a comissão se desobrigava desta missão e na sala dos Deputados, os drs. srs. Ramada Curto e João Camoegas se solidarisavam com o protesto, cá fóra a polícia e a G. N. R., sem motivo que tal pretextasse, dispersavam à pranchada e a tiro os operários que, no largo das Côrtes, aguardavam o regresso da comissão, tendo ficado feridos alguns dos protestantes.



Defronte do edificio da C. G. T.—O operariado acorrendo ao comicio.



Defronte do Parlamento—A G. N. R. e a policia comprimindo o povo contra o gradeamento para depois o espancar à sabrada e o agredir a tiro.

O MUNDO CURIOSO

A Ciência e a Vida

O cérebro humano compõe-se, — pacientes análises o revelaram, — de um pouco de fósforo, enxofre, soda, potassa, manganês e cal.

Os sábios são terríveis. Nada lhes escapa. Quizeram averiguar com exatidão o que tínhamos na cabeça e, como se vê, conseguiram-no. A retorta onde se geram as sublimes criações de Beza, de onde emanam clarões que por vezes iluminam o Mundo, contem, dizem-no eles, essas feias substâncias.

Se uma delas faltar ou fôr em proporção maior ou menor, em relação às outras, será isso bastante para que o indivíduo seja um gênio ou um idiota, um criminoso ou um sábio.

Um segredo existe ainda, e a sua chave guarda-a cuidadosamente a Natureza: — as condições em que se realiza essa misteriosa combinação de que resulta a inteligência... Se a Ciência arrancar esse segredo á Natureza, a Vida e a Morte ficarão finalmente em seu poder. Para tal conseguir, veem milhares de criaturas, desde a treva das mais remotas idades, escavando a galáxia áspera e profunda «onde só se entra com os cabelos negros, mas de onde se sai com a cabeça branca», como dizia o arcebispo de *Notre Dame de Paris*... Mas conseguem-no não? ..

Os que emigram

O «Bureau International du Travail», de Genebra, publicou agora o mapa do movimento migratório transoceânico. Nele se lêem estes números, referentes ao ano corrente, e assim distribuídos pelos vários países:

Inglaterra, 256.284 pessoas; Itália, 177.853; Alemanha, 116.416; Espanha, 95.246; Polónia, 55.401; Portugal, 30.797; Suécia, 25.282; Noruega, 18.287; Tcheco-Slováquia, 15.972; Austria, 15.497; Finlândia, 13.835; Roménia, 12.719; França, 10.532; Sérvia, 9.370.

Os países que acolheram esses emigrantes:

Estados Unidos da América do Norte, 487.067; Argentina, 195.063; Canadá, 117.013; Austrália, 92.859; Brasil, 84.632; Cuba, 75.473; África do Sul, 12.627; Palestina, 7.149.

Em pouco mais de meio ano, quasi um milhão de indivíduos renunciou ás delícias da «mãe-Pátria» e foi longe procurar terra que lhe desse o pão de que necessitavam. Não é muito lisongeiro este número para os propagandistas das maravilhas da terra natal, único lugar onde se pode ser feliz.

Uma epidemia

Nalguns países, a telefonia desenvolveu-se por tal forma que tomou o aspecto de uma verdadeira epidemia... Assim sucedeu na Venezuela, onde, por diferença de longitude, os concertos das estações emissoras da Europa se ouviam durante o dia, resultando daí que os operários, empregados públicos, etc., abandonavam o trabalho para se deliciarem com as belas melodias que lhes transmitiam os *haut-parleurs*.

O governo da jovem República, achando que por este andar as coisas não iam bem, resolveu cortar o mal pela raiz, — e proibiu a importação e a venda de aparelhos rádio-telefónicos.

NOTA DE ARTE



PAISAGEM por Eduardo Navarro — Exposição Nacional de Espanha, de 1925

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos :

O genio artistico e as suas manifestações, por Francine Benoit. Edição Aillaud-Bertrand. E' a publicação, em opúsculo de 30 paginas, da interessante conferencia pronunciada em 1 de Maio de 1925 na Academia dos Amadores de Musica, pela distinta pianista e compositora M.^{le} Francine Benoit, artista de grande merito e de vasta cultura, como provam o trabalho a que se faz referencia e os artigos dispersos em varios jornais, entre eles o *Suplemento semanal de A Batalha*.

Educação Social. Revista de pedagogia e sociologia de que é director o professor Adolfo Lima. Sumario do n.º 12, 2.º ano, de 15 de dezembro: José Augusto Coelho — *Tiago dos Santos Fonseca*; A «necessidade» na Evolução das Instituições sociais — *José Carlos de Sousa*; Os exames na Escola Primária — *Joaquim Gomes Belo*; Canto Coral — *Joaquim Cardoso Gonçalves*; A Evolução da Educação — *Adolfo Lima*; Factos & Documentos; Tabela analítica das matérias.

O Cadastro. Panfleto que tem por fim «fazer o registo, isto é, o cadastro, das pessoas e dos factos deste tempo que passa, lançando á margem de cada um o devido comentario». Escreve-o o dr. Cunha Dias e publica-se ás quintas-feiras, sendo de 50 centavos o seu custo. São 24 paginas de critica justa e mordaz, em linguagem elegante sem prejuizo da violencia e da audacia.

Os Novos. Revista dos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra. Saiu o 1.º numero em 18 de dezembro. Mocidade e ideal é o que apeteçemos aos seus colaboradores, com os nossos votos de prosperidade á nova publicação.

A Aguia. Órgão da Renascença Portuguesa. Recebemos o numero que fecha o volume VI, 3.ª série, desta antiga e cotada revista de arte e literatura.

Seara Nova. Este semanario de doutrina e critica continúa sendo digno de lêr-se... se neste país se lesse. *Seara Nova* vai já no numero 65.

Sangue Novo. Revista literária do Porto. Os n.ºs 5 e 6 unidos num volume abrem com uma novela do conhecido plagiador Jorge Ramos. Teria sido a má impressão da leitura desta novela que nos fez encontrar muito *sangue velho* nos restantes colaboradores da revista?

Homenagem á memoria de Polidoro dos Santos. Folheto n.º 2 da Bibliotheca da Sociedade Pró Ensino Racionalista de Porto Alegre, Brasil, em homenagem ao seu fundador, cujo retrato insere.

La Revista Blanca. Encontra-se já á venda na nossa administração o n.º 62 desta esplendida revista espanhola de sociologia, sciencia e arte.

La Brochure Mensuelle. O n.º 34 publica: A bas les morts! por *E. Girault*; Le culte de la Charogne, por *Albert Libertad*, e Les barbares, por *G. de la Fouchardière*. O n.º 35: Amour libre et liberté Sexuelle, por *E. Armand*. Rue de Bretagne, 39 — Paris. 3.º

Bulletin Communiste. O n.º 7 deste hebdomadario órgão do comunismo internacional, publica um belo retrato de Kamenev, por *G. Annenkov*.

Encontra-se já á venda o

Almanaque de A BATALHA

Para 1926

Preço 5\$00 escudos

Já está á venda o *Almanaque de «A Batalha» para 1926* que contém: o calendário para 1926 e o resumo dos calendários de 1925 e 1927 e referentemente a cada um dos doze meses do ano, copiosas e uteis instruções sôbre o tempo, fases do sol e da lua, o que há e o que se deve comer, as doenças próprias da época, seu tratamento e práticas higiénicas, o que há a fazer nos campos, nos pomares, nas hortas, nos jardins e nos galinheiros, etc.; um calendário para os anos de 1900 a 1980 que serve de curioso passatempo; um esplêndido artigo de Alexandre Vieira contendo importantes *subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal desde 1908 a 1919*; uma desenvolvida resenha dos factos mais importantes ocorridos de fevrelro de 1919 a junho de 1925, com abundante documentação gráfica; notas, inéditas muitas delas, sôbre os seguintes militantes e propagandistas mortos: Neno Vasco, António José de Avila, José Lopes, António Marvão, Guilherme Lima, José Cebôla, Joaquim da Silva, Miguel Cordoba, Francisco Cristo, António Manaças e Virgílio Santos; legislação sôbre accidentes no trabalho, árbitros avindores, inquilinato e regulamentação do trabalho; relação de 400 associações operárias e dos jorrais operários, sociais e corporativos existentes no país. Isto, além de anedotas, pensamentos, curiosidades históricas e scientificas, e de várias indicações uteis como: tabela das marés, imposto do sêlo, portes do correio, etc., etc.

O *Almanaque de «A Batalha» para 1926* forma um volume de 192 páginas recheadas de 50 gravuras e com uma capa a côres de bonito efeito.

Pedidos á Administração da **Renovação** —
Calçada do Combro, 38-A — Lisboa.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comicios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc... etc...

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A — LISBOA